

FILOSOFIA E LITERATURA INFANTIL: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DE PRÁTICA DE FILOSOFIA COM UMA TURMA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Francielly Giachini Barbosa Menim¹
Gabriele Pamplona Antunes Tremea²
Izadora Machado³
Lucas Beraldin dos Santos⁴
Karen Franklin⁵

RESUMO

Ainda que atualmente o ensino da filosofia seja realizado majoritariamente através de livros didáticos, ao decorrer da história a filosofia foi transmitida e produzida através de diferentes veículos expressivos, como a oralidade, poesias, ensaios, artigos etc. Em referência a esse contexto, o filósofo Matthew Lipman formulou um método de ensino de filosofia, que denomina como Filosofia para Crianças, no qual novelas ficcionais são utilizadas como instrumento para a realização de práticas dialógicas de filosofia. No decorrer do ano letivo de 2025, no âmbito do projeto interdisciplinar de Pedagogia e Filosofia do PIBID da UFPR, foram desenvolvidas, com uma turma de Educação Infantil, práticas de diálogo filosófico a partir da leitura de obras literárias infantis, tomando o método de Lipman como referência. Este relato de experiência tem como objetivo apresentar e analisar as atividades realizadas nesse contexto. Para isso, discute-se inicialmente a relação entre filosofia e literatura, destacando os fundamentos e as implicações da realização de práticas filosóficas com crianças a partir de textos literários. Em seguida, é apresentado um exemplo de obra literária que foi utilizada, bem como as respectivas atividades desenvolvidas com a turma. A experiência ao decorrer desse ano letivo demonstrou que textos ficcionais podem ser um instrumento para a realização de diálogos filosóficos com crianças uma vez que apresentam, através de uma linguagem adaptada, importantes problemas filosóficos.

Palavras-chave: Filosofia; Literatura; PIBID

¹ Doutora pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná - UFPR, franciellygiachini@gmail.com

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, coautor1@email.com

³ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, machadoizadora06@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Filosofia da Universidade Federal do Paraná - UFPR, lucas13beraldin@gmail.com;

⁵ Professora titular da Universidade Federal do Paraná; Doutora em Filosofia pela PUCRS. Coordenadora de área do PIBID Interdisciplinar Filosofia e Pedagogia da UFPR, karenfranklin@ufpr.br.



INTRODUÇÃO

A Filosofia, enquanto uma área de conhecimento, foi compreendida de maneiras distintas ao decorrer dos séculos. Além disso, ela assumiu diferentes veículos linguísticos para sua prática e veiculação. Assim, o ensino da filosofia parece implicar a tomada de uma decisão por qual a filosofia será ensinada, tal qual a compreensão da disciplina que está fundamentando o ensino. O filósofo americano Matthew Lipman concebe um método de ensino de filosofia que denomina Filosofia para Crianças. O autor toma como referência uma concepção de filosofia socrática para conceber uma prática dialógica de construção do conhecimento. Além disso, frente a essa referência, o autor propõe a utilização de textos ficcionais como material didático para a aplicação das aulas.

Ao decorrer do ano letivo de 2025, no âmbito do projeto interdisciplinar de Pedagogia e Filosofia do PIBID da UFPR, foram realizadas práticas de filosofia com alunos de pré-escola de uma escola municipal da cidade de Curitiba. Essas práticas foram realizadas a partir do método de Filosofia para Crianças. No entanto, frente às circunstâncias específicas geradas por essa turma foi necessário buscar materiais didáticos distintos daqueles produzidos especificamente para as aulas de Filosofia para Crianças. Em razão dessa necessidade, foram realizadas leituras de obras de literatura infantil com o fim de propiciar o diálogo filosófico com a turma. O presente relato tem como objetivo apresentar essa experiência e o resultado obtido com a utilização de literatura ficcional como material didático para a prática.

Dessa forma, com esse objetivo, buscaremos expor o método de Matthew Lipman que fundamenta as práticas do subprojeto do PIBID do qual fazemos parte, apresentando também algumas diferenças e especificidades que são tomadas em relação a ele. Além disso, será necessário analisar de que modo é possível compreender obras de literatura infantil como instrumentos para discussões filosóficas. A partir desse desenvolvimento teórico buscaremos apresentar o relato de uma aula e de uma atividade realizada com a turma de pré-escola a partir da metodologia apresentada.

As atividades realizadas ao decorrer do ano letivo de 2025 demonstraram que o trabalho de filosofia com crianças desde as primeiras etapas da educação básica pode ser um ótimo instrumento para o desenvolvimento linguístico das crianças. Dessa forma, compreendemos que as obras de literatura infantil são um excelente instrumento para a



introdução de problemas filosóficos, propiciando, ao mesmo tempo, o interesse e compreensão dos alunos.

METODOLOGIA

O presente relato de experiência apresenta práticas e reflexões teóricas resultantes da participação dos autores no subprojeto interdisciplinar do PIBID de Pedagogia e Filosofia da UFPR. Durante o ano letivo de 2025, realizamos semanalmente aulas de filosofia com uma turma de pré-escola de uma escola pública da cidade de Curitiba. O planejamento e realização das aulas ocorreu através de formações realizadas na UFPR e do diálogo constante entre a professora coordenadora do programa, a professora supervisora na escola e os pibidianos. Dessa forma, com o propósito de apresentar o modo como utilizamos obras de literatura infantil como material de apoio para discussões filosóficas, apresentaremos inicialmente um conjunto de reflexões teóricas pertinentes à aplicação do projeto e, em seguida, o relato de um módulo de leitura e atividade realizada.

REFERENCIAL TEÓRICO

As práticas que realizamos ao longo do ano letivo de 2025, no âmbito do projeto interdisciplinar de Pedagogia e Filosofia do PIBID da UFPR, tiveram como principal referência teórica o método de ensino de filosofia desenvolvido pelo filósofo Matthew Lipman, denominado Filosofia para Crianças. Esse método é apresentado principalmente nas obras *Philosophy in The Classroom* (1980), escrito em coautoria com Ann Margaret Sharp e Frederick Oscanyan, e *Philosophy goes to School* (1988). Além das obras citadas, tomamos como referência para a aplicação do método de Filosofia para Crianças a obra “Filosofia no Ensino Fundamental” (2016) escrita pela professora Karen Franklin, coordenadora do projeto do PIBID interdisciplinar do qual fazemos parte.

Como apresenta Franklin, Lipman desenvolve a sua metodologia frente a um diagnóstico de fracasso do sistema escolar tradicional (Franklin, 2016, p.52). A lógica mecanicista que tradicionalmente caracteriza os sistemas escolares, nos quais o ensino é organizado a partir de



uma quantidade de conhecimento que deve ser adquirido pelos estudantes, inviabilizaria a possibilidade de formação de alunos capazes de pensar de modo autônomo. Em contraposição, Lipman, tomando como base os escritos do pedagogo americano John Dewey, compreende que a escola deve ter como objetivo o desenvolvimento das habilidades de raciocínio dos estudantes. O autor concebe que esse objetivo pode ser alcançado por meio da inserção de aulas de filosofia no currículo escolar desde o início do ensino fundamental. Dessa forma, como afirma Karen, “O que Lipman afirma é que seu propósito vai muito além da simples sugestão de introduzir mais uma disciplina no currículo escolar, a saber, a filosofia para crianças; o que ele propõe é habilitar as crianças na arte do bem pensar.” (Franklin, 2016, p. 57). Através do desenvolvimento dessas habilidades de raciocínio, os estudantes poderiam se tornar capazes de captar significados e compreender os conceitos envolvidos no mundo em que vivem.

A disciplina escolar que Lipman concebe está fundamentada em uma concepção particular de filosofia. Como Sharp, Lipman e Oscanyan (1980) apresentam, a filosofia para crianças se baseia na prática dialógica socrática, a saber o exercício da maiêutica. A principal diferença em relação a como a filosofia é compreendida tradicionalmente no currículo escolar – enquanto ensino da história da filosofia – é a sua compreensão, em primeiro lugar, como uma prática. Nesse sentido, mais do que conceitos específicos e obras dos grandes filósofos, o aspecto essencial da filosofia residiria na investigação racional realizada em diálogos filosóficos. Como é apresentado nas obras de Platão, Sócrates inquiria os cidadãos atenienses (independente de sua faixa etária, condição social ou profissão) a respeito de questões filosóficas fundamentais e, a partir apenas do que já sabiam, afirmava ser possível conhecer a verdade a respeito dessas coisas – ele se intitulava um *parteiro* que dava a luz ao conhecimento através de seu questionamento derivado da maiêutica. Assim, compreende-se que a realização de práticas dialógicas a partir de questões filosóficas seriam um ótimo instrumento para alcançar o objetivo de desenvolver o pensamento crítico e ético dos alunos desde as primeiras etapas da educação básica. Uma vez que a Filosofia para Crianças é concebida como uma prática e não como um conjunto de conhecimento a ser transmitido pelos professores aos alunos, a idade não afetaria a sua realização. Independente da linguagem que seria utilizada, ou da complexidade com que se poderia trabalhar certas questões filosóficas, o essencial para o aperfeiçoamento do raciocínio seria a prática dialógica rigorosa (Lipman, Sharp, Oscanyan, 1980).



O ensino dessa filosofia, concebida enquanto prática dialógica, é operacionalizado por Lipman através de dois recursos principais. Primeiramente, como apresenta Franklin, a turma deveria ser organizada no que é denominado como comunidades de investigação (Franklin, 2016, p.74). Nessa organização, os alunos devem ser incentivados a participar e dar as suas contribuições a respeito de uma determinada temática que será discutida em turma. Através desse estímulo a participação de todos os alunos, seria possível a realização de uma prática dialógica em grupo, sendo função do professor a coordenação desse processo. Além disso, caberia ao professor a mediação e orientação aos alunos de forma que fossem estimulados a expressar logicamente os seus apontamentos, incentivando a realização de uma discussão criteriosa e não apenas a expressão de um conjunto de opiniões irrefletidas. O outro recurso fundamental ao exercício de filosofia para crianças é a forma como Lipman compreende os materiais didáticos que deveriam ser utilizados nas aulas. Sendo inapropriado a linguagem das crianças a utilização de obras filosóficas diretas e não tendo o ensino como objetivo apenas a transmissão de um conjunto de informações a respeito da história da filosofia, o autor cria o que denomina como novelas filosóficas. Essas novelas escritas pelo próprio autor são textos literários que apresentam reflexões filosóficas, mas que pretendem ser adequados à linguagem infantil e não se resumem à transmissão de informações. Cada novela é constituída com o objetivo de ser utilizada como base textual para um determinado ano de ensino, constituindo uma espécie de currículo que poderia ser aplicado desde a educação infantil até o fim do ensino fundamental.

Na aplicação desse método de filosofia em uma turma de pré-escola (com crianças beirando os cinco anos), foi necessário buscar diferentes materiais de apoio além das novelas filosóficas propostas por Lipman. Como alternativa, optou-se por trabalhar diretamente com a leitura de obras de literatura infantil. Encontramos respaldo nessa escolha no modo como Lipman compreende o maravilhamento (*wonder*) na infância. Segundo o autor, crianças se maravilham com inúmeras situações na vida cotidiana que já são tomadas como garantidas, óbvias, para os adultos. Ele afirma:

Quando achamos o mundo maravilhoso, é porque parecemos estar diante não de problemas solucionáveis, mas de mistérios absolutos. (...) É apenas aos poucos que uma crosta ou uma camada vai se formando em suas mentes, e eles passam a considerar essas coisas cada vez mais como algo natural, até que, de se maravilharem com tudo, passem a não se maravilhar com nada. (Lipman, Oscanyan, Sharp, 1980, p.32, tradução nossa)⁶.

⁶ No original: "When we find the world wonderful, it is because we seem to be confronted not by soluble problems, but by utter mysteries. (...) It is only gradually that a crust or scale will grow over their minds, and they will take these things more and more for granted, until from marvelling at everything, they marvel at



Esse maravilhamento tenta ser solucionado pelas crianças – elas tentam responder aos problemas e mistérios que encontram no mundo, muitas vezes formulando perguntas para os adultos. Para Lipman, a literatura infantil (como também os contos fantásticos, as músicas e outras criações ficcionais) apresenta formas de respostas simbólicas a um conjunto de problemas. No entanto, essas produções simbólicas respondem a diferentes tipos de dúvidas. Existem dúvidas das crianças que poderiam ser respondidas através do discurso científico (ainda que essa resposta possa ser julgada inadequada). Mas muitos desses mistérios resultantes desse maravilhamento levam a problemas que podem ser denominados como filosóficos (sejam éticos, metafísicos ou lógicos).

Nas aulas de filosofia com crianças da pré-escola buscamos realizar leituras de obras de literatura infantil que, através de sua narrativa simbólica, permitissem a apresentação e discussão de um conjunto de problemas que podem ser considerados filosóficos. Através dessas leituras, agradáveis aos estudantes e adequadas a sua linguagem, buscamos aplicar o método de discussão dialógica tal como proposto por Lipman e Franklin.

As obras literárias, quando bem selecionadas, apresentam narrativas que permitem a reflexão das crianças ao apresentarem situações-problema em uma linguagem lúdica e apropriada ao público infantil, favorecendo o desenvolvimento de habilidades linguísticas, de expressão de sentimentos e do autoconhecimento. A partir dessas narrativas, torna-se possível iniciar um debate de caráter filosófico. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), no campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, destaca-se a importância de promover situações onde as crianças tenham contato com histórias, levantem hipóteses, utilizem diferentes formas de expressão e consigam comunicar suas ideias e sentimentos, desenvolvendo habilidades de fala e escuta. Nesse sentido, o contato com obras literárias favorece esse desenvolvimento, pois, ao interagir com narrativas, a criança é incentivada a interpretar, imaginar e expressar suas compreensões sobre o texto. Nesse contexto, as obras literárias representam um importante recurso pedagógico para o trabalho com a filosofia na Educação Infantil, pois favorecem a reflexão, a curiosidade e o diálogo, habilidades essenciais para o pensamento filosófico. Além disso, estão presentes em um contexto lúdico fundamental para essa faixa etária, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança, conforme os princípios da Educação Infantil estabelecidos pela BNCC.

nothing.”



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como relato de experiência, foi selecionada uma literatura que surgiu a partir da novela filosófica Rebecca de Reed (1996) escrito em colaboração com Lipman, a personagem principal relata como estava confusa, porque existia milhares de perguntas em sua cabeça e chorava diante disso. A obra O Catador de Pensamentos, de Monika Feth (1996), apresenta uma narrativa sensível que aborda o universo dos pensamentos humanos de forma poética e simbólica e acessível ao público infantil, assim essa literatura foi selecionada para complementar e dar continuidade a essa reflexão, possibilitando a compreensão de maneira lúdica e ressignificar seus próprios pensamentos. A história retrata a ideia que os pensamentos podem ser “recolhidos”, organizados e transformados, a partir do personagem que “cata” os pensamentos, caminhando pela rua e recolhendo aqueles que estão soltos, esquecidos ou até mesmo perdidos. A partir dessa metáfora, a obra possibilita uma aproximação com questões subjetivas, como imaginação, sentimentos e a própria construção do pensar, utilizando uma linguagem simples, porém carregada de significados. Após recolher os pensamentos, o personagem não apenas os guarda, mas passa a cuidar deles, organizando, separando e em seguida, ele os deixa descansar. Como o tempo fosse necessário para que se acalmem e se preparem para um novo momento. Depois disso, os pensamentos são plantados, sendo colocados na terra como sementes. Com o tempo, esses pensamentos germinaram e começaram a crescer, transformando em novas possibilidades, ideias e sentimentos. Quando finalmente floresceram, eles se desprenderam e saíram voando, retornando para as pessoas de maneira renovada, como se voltasse diferentes, ressignificados e prontos para serem novamente vividos e pensados.

A leitura da obra foi realizada em roda de conversa, com as crianças sentadas no chão na sala de aula, no dia recebemos a visita da professora coordenadora do nosso projeto Karen Franklin. Após a leitura, se iniciou uma conversa, no qual as crianças foram convidadas a compartilhar o que compreenderam e o que sentiram com a história, momento em que surgiu falas significativas como “a mente que faz a nossa imaginação”, evidenciando uma relação inicial entre o pensamento e a imaginação. O personagem do catador foi rapidamente apropriado pelas crianças com um “superpoder”, gerando interações entre elas, a professora Karen falou que iria catar os pensamentos das crianças, mas foi questionada, pois, um deles



também queria ser o catador, assim construíram um acordo juntos, no qual um ficaria responsável pelos pensamentos tristes e o outro com os pensamentos felizes.

Para a continuidade da literatura, na semana seguinte, fizemos uma proposta lúdica, na qual cada criança desenhou um pensamento, assim criando uma plaquinha com palito de sorvete, depois explicamos que seria realizado um plantio dos pensamentos em um espaço externo da escola. Utilizando sementes de milho de pipoca, os alunos cavaram a terra com suas mãos, colocaram algumas sementes no solo e as enterraram, para identificar onde foi plantado cada um de seus pensamentos, colocamos as plaquinhas. Além dessa prática realizar uma relação concreta da metáfora que a literatura aborda, também proporciona momentos significativos na área externa da escola, contato com a natureza e o cuidado tanto com o plantio quanto com seus pensamentos. Possibilitando também a ampliação da compreensão da narrativa, tornando os pensamentos em algo visível, assim os pensamentos podendo crescer, se transformar e ganhar novos sentidos ao longo do tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas desenvolvidas com o uso de obras literárias para a construção de diálogos filosóficos com alunos da Educação Infantil, apresentaram resultados satisfatórios, considerando o objetivo de promover a reflexão e a construção de sentidos pelas crianças, inspiradas no método de Matthew Lipman. Com isso, a experiência mostrou que, mesmo na Educação Infantil, é possível desenvolver práticas filosóficas utilizando um recurso acessível como a literatura. No entanto, a mediação docente é parte significativa desse processo, ao acolher as falas das crianças e incentivar a elaboração de raciocínios mais profundos. Além disso, é importante considerar que cada turma tem suas particularidades, já que as crianças são imprevisíveis e podem levar as discussões para caminhos diferentes do que foi planejado. Essa possibilidade não é um problema, pelo contrário, ressalta a participação das crianças na construção do diálogo. Assim, a experiência relatada revela o potencial da literatura infantil como recurso pedagógico para a prática filosófica com crianças.



REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017

FRANKLIN, K. **A Filosofia no Ensino Fundamental**. Curitiba: Intersaberes, 2016

FETH, Monika. **O Catador de Pensamentos**. São Paulo: Brink-book, 1996.

LIPMAN, M. **Philosophy Goes to School**. Philadelphia: Temple University Press, 1988.

LIPMAN, M.; SHARP, A. M.; OSCANYAN F. S. **Philosophy in the Classroom**. Philadelphia: Temple University Press, 2ª ed., 1980.

REED, Ronald. MANDEL, Sylvia J. Hamburguer. **Rebeca**. São Paulo: Difusão de Educação e Cultura, 1996.

